



Aprofundamento

IMIGRANTES MUÇULMANAS EM SÃO PAULO: UM ESTUDO A PARTIR DA PSICOLOGIA INTERCULTURAL

Marcia Cristina Zaia*

Este trabalho tem por objetivo discutir as relações entre religião e imigração, sob uma perspectiva intercultural, através do percurso vivido de mulheres muçulmanas imigrantes na cidade de São Paulo, durante seu processo de aculturação. Este conceito é compreendido neste trabalho a partir de formulações da Psicologia Intercultural, como o resultado inevitável de um contato entre duas culturas, que pode resultar em adoção de estratégias de integração ou separação. Através do estudo de uma minoria pouco estudada no Brasil, apresenta-se a relevância que a religião pode adquirir em um contexto migratório, uma vez que é um dos elementos constituintes da identidade étnica.

Palavras-chave: Imigração; Religião; Islã; Psicologia Intercultural

The purpose of the present work is to discuss the relationship between religion and immigration from an intercultural perspective, through the life history of immigrant Muslim women in the city of São Paulo, Brazil, during their acculturation process. In this concept is understood in this paper from Intercultural Psychology formulations, as inevitable result of a contact between two cultures that may lead to the adoption of either integration or separation strategies. By studying a minority scarcely investigated in Brazil, it is shown the relevance that religion can assume in a migratory context, once it is one of the constituent elements of ethnic identity.

Keywords: Immigration; Religion; Islam; Cross Cultural-Psychology

* Psicóloga pelo IPUSP, mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, pesquisadora do grupo Psicologia E/Imigração e Cultura do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da USP

As relações entre imigração e religião são bastante complexas, uma vez que as quantidades de variáveis envolvidas são enormes e diversificadas. Variáveis políticas, sociais, econômicas, psicológicas, culturais, históricas misturam-se num rico interjogo formando um colorido mosaico. Todos estes fatores devem ser levados em conta ao discutir o fenômeno migratório e religioso. A tarefa torna-se ainda mais complicada ao abordarmos uma religião que tem sido alvo de muitas polêmicas, presente constantemente na mídia e que, sobretudo para os habitantes do ocidente cristão é, em geral, muito difícil de ser compreendida. Se as adeptas desta religião são mulheres, imigrantes, que mantêm uma relativa separação em relação a algumas esferas sociais e que assumem uma vestimenta, em nome desta mesma polêmica religião, contrariando os hábitos vigentes assumidos pela maioria das mulheres que as rodeia, podemos esperar que a empreitada torna-se ainda mais desafiadora. Este estudo tem como objetivo apresentar uma compreensão teórica do processo de aculturação e do papel que a religiosidade/ religião assumem neste processo. Inicialmente apresentaremos as questões que envolvem o processo migratório e as vicissitudes vividas na relação com a nova sociedade, através do conceito de aculturação e aculturação psicológica. No caso de pessoas que se pautam por uma visão religiosa do mundo, torna-se fundamental a compreensão da formação dos indivíduos através de discussão da importância da educação religiosa destes sujeitos. A função psíquica que a religião pode assumir será apresentada a partir da articulação com conceitos da psicologia da religião.

Este estudo baseia-se no trabalho realizado com imigrantes muçulmanas na cidade de São Paulo. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semi-abertas, com o privilégio da narrativa, focando os aspectos subjetivos da experiência. As entrevistas foram baseadas em um questionário com questões, que abordavam: dados pessoais, o histórico da imigração, expectativas e vicissitudes durante o processo e dados relativos à própria religiosidade. Todas participantes eram primeira geração, podendo diferir quanto a: idade, país de proveniência, educação, história profissional, status marital e presença ou não de filhos. Todas se autodenominavam pessoas religiosas, ou seja, pelo menos na época da pesquisa, consideravam-se como pessoas nas quais a religiosidade pautava e marcava algum aspecto da vida cotidiana. A maioria delas pertencia à classe média e estavam envolvidas com atividades de comércio, através de

seus familiares e/ou maridos.

I. A Imigração e os imigrantes: a aculturação e suas conseqüências no psiquismo

A imigração é um deslocamento, coletivo ou individual, para um país ou região distintos, por um tempo prolongado. Sayad considera a imigração, sob o ponto de vista do pertencimento nacional, como a “presença no seio da ordem nacional de indivíduos não-nacionais. Analogamente a emigração seria a ausência na ordem nacional de nacionais pertencentes a esta ordem”.¹

As pessoas não permanecem ilesas ao contato com a nova sociedade e este contato tem repercussões em seu psiquismo. O confronto com outra cultura desafia a noção que as pessoas têm de si mesmas, podendo trazer mudanças. De acordo com vários teóricos que estudam o fenômeno migratório, sabe-se que o sujeito ao realizar esta experiência modifica-se.² As variáveis envolvidas nesta modificação são de natureza psicológica, social, política e cultural. Devem-se levar em conta aspectos objetivos e subjetivos no processo migratório; uma vez que, as mudanças dependem tanto do indivíduo, em sua dimensão absolutamente idiossincrática, como de seu contexto, a saber, contexto de saída e de recepção e das características culturais de ambos os grupos. Na dimensão subjetiva, lembramos que o imigrante deixa sua terra, mas leva consigo seus: hábitos, linguagem, *modus vivendi*. Leva padrões perceptivos: sabores, imagens, sons, temperatura, arquitetura; padrões de comportamentos: vestimentas códigos de condutas e atitudes, educação; padrões de crenças; valores, religião. Ao se deparar com novos elementos em todos estes níveis, é provável que experimente uma sensação inicial de não reconhecimento que o leva a um sentimento de solidão. Enfrenta a ruptura de laços sociais e padrões conhecidos. Com a mudança do cenário social, podem ser oferecidos outros padrões de identidade, que possivelmente trarão uma revisão do olhar para si e para o mundo e uma provável reconfiguração dos elementos da própria identidade. Aquilo que não é compartilhado pelo grupo social pode pôr à prova a crença na realidade que temos e conhecemos. A identidade é questionada, e tudo o que está implícito nesta noção: a idéia de si mesmo, do grupo social, hábitos, valores, crenças. Tudo é confrontado diante das situações que se apresentam no dia a dia

¹ Cf. SAYAD, A. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 265 - 286.

² Cf. DeBIAGGI, S. D. & PAIVA, G. J. (orgs.) *Psicologia, E/Imigração e Cultura*, passim. PORTES, R. & RUMBAUT, R. *Immigrant América: a portrait*, passim; GRINBERG, L. e GRINBERG, R. *Psicoanálisis de la migracion y del exílio*, passim.

no novo espaço social.

Mesmo sob condições não estressantes, o imigrante prova uma sensação de desconforto e provavelmente passará por uma revisão de códigos.³ Para superar ou diminuir a sensação de ruptura, todos os indivíduos utilizam estratégias de adaptação, ou seja, buscam superar dissonâncias cognitivas e afetivas que podem ser causadas pela imigração. A aculturação, igualmente um fenômeno que se verifica nos níveis objetivo e subjetivo, é um dos recursos para lidar com o processo. As estratégias utilizadas pelo indivíduo durante seu processo de aculturação também estão ligadas às variáveis psicológicas, sociais, políticas e culturais. Sendo a aculturação um processo extremamente diversificado, as dimensões individuais e coletivas se mesclam num interjogo complexo e rico.

Derivado da Antropologia o conceito de aculturação é bastante usado em discussões que envolvem o estudo de imigrações e também podem assumir significados muito variados. Aqui optamos pela conceituação proposta por Sam: a aculturação refere-se às mudanças culturais e psicológicas que resultam do contínuo contato entre pessoas de diferentes *backgrounds*.⁴ A “aculturação psicológica”, termo cunhado por Graves na década de sessenta, envolve a dimensão psicológica e refere-se às mudanças que o indivíduo experimenta como resultado do contato com outras culturas ou por participar da aculturação a que seu grupo (cultural ou étnico) está sujeito.⁵ A aculturação ocorre nos dois níveis: individual e grupal.

A distinção entre os dois níveis é importante, uma vez que ao analisarmos o nível macro, nos referimos, sobretudo, às mudanças na estrutura social, econômica e na organização política e em nível individual, as mudanças se dão na identidade, nos valores, atitudes e comportamentos.⁶ Um outro item relevante é que os indivíduos participam de modo diferente no processo, uma vez que estamos considerando seu aspecto absolutamente subjetivo e idiosincrático, “havendo um gama de diferenças individuais na aculturação psicológica, mesmo entre indivíduos que compartilham a mesma arena de aculturação”.⁷

Segundo Sam, a aculturação foi muitas vezes compreendida como assimilação,⁸ ou seja, assunção total por parte dos imigrantes dos

³ Cf. DeBIAGGI, S. D. & PAIVA, G. J. (org.). *op.cit.*, *passim*.

⁴ Cf. SAM, David. & BERRY, John. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*, p. 27.

⁵ Cf. BERRY et al. *Cross-Cultural Psychology: Research and Applications*, p. 271; SAM, David. & BERRY, John. *op. cit.*, p. 14.

⁶ Cf. BERRY, et al, *op.cit.*, p. 272.

⁷ Cf. DeBIAGGI, S. D. e PAIVA, G. J. *op.cit.*, p. 13.

⁸ Outra confusão recorrente é a utilização das palavras aculturação e inculturação com sinônimos. Esse último é um termo usado num contexto católico, que surgiu da necessidade da Igreja católica de

valores e hábitos do país de imigração.⁹ Sam afirma que aculturação é potencialmente bidirecional e recíproca, os dois grupos em contato são influenciados. A assimilação, por outro lado, é unidirecional: somente um dos grupos recebe influência, em geral, o grupo não-dominante. Mais tarde, veremos que assimilação é somente uma das formas possíveis das estratégias de aculturação. Sam afirma que alguns requisitos são necessários para considerarmos um processo de aculturação. São eles: contato, influência recíproca e mudanças. A verdadeira aculturação supõe um contato contínuo e suficientemente prolongado, onde os indivíduos ou grupos mantêm-se em interação (no mesmo tempo e espaço). No que concerne às influências recíprocas, mesmo considerando que existe um diferencial de forças entre os grupos (econômicas, militares, numéricas etc), as conseqüências do contato se refletem em ambos. Efetivamente, as experiências do contato têm-se revelado mais impactantes no grupo não-dominante, por exemplo, nos imigrantes. Um aspecto inerente ao contato são as mudanças de comportamento. Todo o repertório de comportamentos do sujeito pode ser candidato à mudança.

As diferenças no clima, linguagem, religião, padrões e outras, são mudanças às quais o imigrante deve responder; aceitando, interpretando ou negando. De acordo com Berry e colaboradores, em uma situação intercultural a maioria das pessoas depara-se com dois aspectos fundamentais: o envolvimento com a cultura receptora e a manutenção da própria cultura.¹⁰

Alguns autores estudaram o processo de adaptação de imigrantes do ponto de vista da escolha de “estratégias de aculturação”. Este termo refere-se ao modo como o indivíduo decide interagir com a sociedade que o recebe. De acordo com a conceituação de aculturação discutido no item anterior, vimos que a dominação de um grupo sobre o outro e a homogeneização psicológica e cultural não são as únicas formas observadas ao longo do processo. Isto acontece, pois as pessoas adotam diferentes visões sobre como devem e querem viver a nova cultura, e reagem de acordo com o que o novo espaço propõe. Coloca-se diante das seguintes indagações: vale a pena ou é desejável manter a própria cultura ou identidade cultural? Vale a pena ou é desejável relacionar-se com o grupo majoritário? As respostas a estas indagações determinarão a atitude estratégica frente à nova realidade. Berry distingue quatro estratégias definidas a seguir:

confrontar-se com a diversidade cultural. Para maiores detalhes ver: MONTERO, Paula. *O problema da cultura na Igreja Católica contemporânea*, p. 229-248.

⁹ Cf. SAM, David. & BERRY, J. *op. cit.*, p. 13.

¹⁰ Cf. BERRY, J. *et al.*, *op. cit.*, p. 275.

- Integração: indivíduo responde positivamente às duas questões. Mantém aspectos da cultura de origem e também adquire traços da cultura atual. Esta estratégia só é possível em sociedades explicitamente multiculturais, as quais são baseadas sobre valores de aceitação da diversidade cultural e baixo nível de preconceitos, isto é, um nível mínimo de racismo, etnocentrismo e discriminação.
- Assimilação: o indivíduo não deseja manter a cultura de origem e adquire totalmente os traços da cultura de inserção. A valorização recai no relacionamento com a nova realidade.
- Separação: o indivíduo valoriza apenas os aspectos de sua cultura originária, negando a inserção no país de recepção, desvalorizando as relações com os autóctones.
- Marginalização: as duas respostas são negativas. O indivíduo não mantém traços da cultura originária, e também não se identifica com os valores da cultura de inserção. Mantém-se à margem. Pode caracterizar-se por um alto nível de ansiedade, uma sensação de alienação, uma perda de contato com os dois grupos.

Estas estratégias são consideradas ao longo do tempo, o indivíduo pode passar por momentos de assimilação, momentos de integração ou separação. Pode ser integrado em certos aspectos e não em outros.¹¹ Em síntese, a aculturação psicológica não é um processo estanque e nem é total. É dinâmico. É seguro afirmá-lo como resultado de um contato contínuo entre indivíduos de culturas diferentes, portanto um indivíduo que imigra necessariamente assumirá alguma ou algumas destas estratégias ao longo de seu processo migratório.

No contato intercultural, pode haver dificuldades de adaptação, gerando crises, mas que não devem ser consideradas como patológicas. Estudos demonstram uma sucessão de estágios típicos do chamado período de *Cultural Shock*, ou seja, o período que compreende uma desorientação cultural, devido a uma imersão em um ambiente que é diferente e novo. Sentimentos de perda, sofrimento e luto são próprios deste período e podem ter uma duração de pelo menos dois anos. A teoria do choque cultural compreende cinco fases, nas quais predominam as seguintes atitudes diante da cultura receptora: euforia e excitação, irritação ou hostilidade, regressão, adaptação e finalmente biculturalismo. Porém, a teoria do choque cultural se refere a um curto período de tempo; é algo mais imediato experimentado pelo sujeito.

Afirmamos anteriormente que um contato mais prolongado supõe um processo contínuo de aculturação, dinâmico e complexo, devendo

¹¹ Cf. BERRY, J. *Migração, Aculturação e Adaptação*, in DeBIAGGI, S. D. e PAIVA, G. J. *op. cit.*, p. 34.

inclusive ser levado em conta os contextos de saída e de recepção que contribuem para o incremento ou diminuição do processo de inserção. Algumas mudanças acontecem facilmente, sem que seja necessário ao indivíduo um grande esforço. Outras, porém podem gerar bastante conflito. Sobretudo em culturas que se apresentam conflitantes e até hostis, ou os valores da sociedade receptora sejam muito incompatíveis com os do sujeito.

Mesmo que a sociedade receptora não seja hostil, os indivíduos podem passar por conflitos, como vimos anteriormente, que se relacionam com as perdas sofridas ao longo do processo migratório. Berry propõe a noção de *stress* de aculturação para definir as reações das pessoas aos eventos da vida envolvidos no contato intercultural. Frequentemente essas reações envolvem diferentes graus de depressão (possivelmente relacionadas às perdas) e ansiedade (mais relacionadas à insegurança frente à nova vida). Evidentemente, seu grau está relacionado a fatores objetivos: sociedade de origem e de recepção, características tais como tipo de imigração: individual ou em grupo; elementos tais como sexo e idade do sujeito e fatores subjetivos que dizem respeito às características psicológicas do sujeito.

1.1 A identidade¹² do imigrante: a importância da cultura e da etnia

Como apresentado acima, assumimos como pressuposto que durante a imigração, em algum nível, o sujeito questiona-se como indivíduo. Phinney parte da afirmação de que a identidade “torna-se saliente” em situações de mudança, como é o caso da imigração.¹³

Ao nos aproximarmos do nível individual, a literatura discute a imigração como uma experiência de crise.¹⁴ Em diferentes graus, que correlacionam subjetividade e contexto, a vivência da ruptura é peculiar

¹² Paiva afirma que ao se definir identidade atualmente, tem-se a impressão de que o conceito mantém a ênfase na interação com o grupo, mas recupera indiretamente a singularidade do indivíduo ao destacar os encaminhamentos notavelmente pessoais, a necessária inserção da pessoa no grupo e a singularidade de cada indivíduo com sua história. É a partir desta perspectiva que o termo será utilizado ao longo de todo nosso trabalho. Portanto, a identidade será compreendida levando em conta a necessária complementaridade da dimensão psicossocial com a dimensão subjetiva. Cf. PAIVA, *Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea*, s/p. (no prelo).

¹³ Cf. PHINNEY, J. “Formação de identidades de grupo e mudanças entre migrantes e seus filhos”, in DeBIAGGI, S. D. e PAIVA, *op.cit.*, p. 47.

¹⁴ Com o termo crise, nos referimos a uma perturbação temporária nos mecanismos de regulação habituais aos quais o indivíduo recorre. Na imigração, é feita uma ressocialização, onde há o afastamento de relações afetivas importantes e de padrões conhecidos, sendo necessário por vezes uma nova socialização primária, reaprendendo outra linguagem (língua e hábitos), uma ressignificação simbólica e recriação de outros significativos.

à maioria dos imigrantes. Grinberg Y Grinberg, ao estudar a experiência imigratória sob a ótica da psicanálise, afirmam que a imigração é uma das “contingências da vida que expõe o indivíduo que a experimenta a passar por estados de desorganização”, exigindo uma reorganização ulterior, a qual pode ou não se realizar.¹⁵

Adota-se a definição utilizada por Grinberg Y Grinberg de que imigrantes são pessoas que realizam “uma mudança de um país ao outro, ou de uma região à outra, suficientemente distinta e distante, por um tempo suficientemente prolongado que implicaria em ‘viver’ em outros país e lá desenvolver suas atividades cotidianas”.¹⁶

Como vimos acima, a identidade é constituída através de suas relações com outros sujeitos. Mesmo que a identidade individual seja concebida como algo construído a partir e em conjunto com o grupo, nossa separação se refere à identidade individual como algo peculiar e particular a um sujeito e identidade grupal como algo compartilhado por várias pessoas.¹⁷ Os aspectos da identidade que derivam de uma identidade grupal e que podem tornar-se salientes no contexto migratório são a identidade cultural e étnica. Apresentamos a seguir estas duas categorias da identidade grupal que aparecem na literatura como muito presentes no contexto contemporâneo e, sobretudo, no fenômeno migratório. A definição destes itens é importante na medida em que serão usados ao longo do trabalho, tornando-se fundamental o esclarecimento dos mesmos. Além disso, consideramos que todas estas categorias estão envolvidas na compreensão do nosso objeto.

Berry define identidade cultural como “o conjunto complexo de crenças e atitudes que as pessoas têm sobre si mesma em relação a ser membros de seu grupo cultural”. Em geral estas questões vêm à tona quando as pessoas entram em contato com outra cultura, como é o caso da imigração. Como a identidade significa “não apenas o que sou, mas quem sou situado no tempo e no espaço sociais, ela constitui-se como uma experiência cultural”.¹⁸

¹⁵ Cf. GRINBERG, L. e GRINBERG, R. *Psicoanálise de la migracion y del exílio*, p. 26.

¹⁶ *Ibidem*, p. 29.

¹⁷ Concebemos identidade coletiva como aquela que é compartilhada por vários integrantes de um grupo. Um grupo se autodenomina, ou seja, os participantes deste grupo possuem ou atribuem-se elementos que os façam considerarem-se constituintes de um mesmo grupo, o *ingroup*; simultaneamente elegem elementos que constituam um *outgroup*. Possuem determinantes comuns que fazem com que estes indivíduos sejam sujeitos a uma mesma denominação. Como exemplo, teríamos identidades ligadas às categorias profissionais, categorias religiosas, comunidades de gênero, chegando a classificações de nações, culturas e etnias. Phinney afirma que a identidade de grupo possui “um sentido de pertencer a um grupo”. São sentimentos e atitudes inerentes ao “ser membro” de um grupo.

¹⁸ Cf. SIQUEIRA, M. J. T. *A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão*, p. 115.

Assim como identidade, etnia é também um conceito polissêmico. Para Nanni e Brucciati, embora no discurso intercultural o conceito de identidade cultural seja freqüentemente associado ao de identidade étnica, este último deve ser compreendido em uma acepção mais restrita.¹⁹ Esse faz referência “a uma história ou a uma origem simbolizada por uma hereditariedade comum, mas que cobre somente um fragmento de uma cultura de um grupo”. É sinônimo de identidade cultural, mas com a diferença que aqui o elemento “origem comum” (mítica ou não) é fundamental. Outro aspecto importante é o fato de a etnia poder assumir uma dimensão política. Podem assumir-se enquanto étnicas, no sentido de identidades que precisam afirmar-se ou posicionar-se politicamente.

Em uma perspectiva mais psicológica, Phinney aponta para a importância da identidade étnica num contexto migratório, uma vez que esta, como identidade grupal, pode oferecer uma correlação positiva com diversas medidas de bem estar (auto-estima, competências). Lembra que antes da imigração, a identidade étnica pode não ter nenhum sentido para o indivíduo, ou seja, ela aparece na medida da necessidade de afirmar-se diante do outro.²⁰ Este aspecto reafirma a discussão proposta por Barth, onde a etnicidade só faria sentido ao ser confrontada com outros grupos. No plano do indivíduo, segundo Barth, a identidade étnica se define pelo que é subjetivamente reivindicado e pelo que é socialmente atribuído.

II. A Religião

Para alguns antropólogos as religiões são modelos do mundo para o mundo,²¹ funcionam como um ordenamento do cotidiano, regulando comportamentos, oferecendo modelos explicativos, fórmulas de boa convivência e, segundo Gleason, pode ser um dos veículos mais satisfatórios para localizar o indivíduo na sociedade, oferecendo uma possível resposta à eterna pergunta: quem sou eu?²²

A religião, entendida como pertencente à ampla gama do repertório cultural e como formadora da identidade cultural (étnica, religiosa) participa do dia a dia das pessoas e pode exercer um importante papel na imigração, do ponto de vista coletivo e objetivo e também individual. A dimensão religiosa é bastante importante para a compreensão dos processos de inserção na nova cultura, sobretudo nos indivíduos que se consideram religiosos, ou seja, que de algum modo ou em algum grau

¹⁹ Cf. NANNI, A.; ABBRUCCIATI, S. *Per capire l'interculturalità Parole-chiave*. Quaderni dell' interculturalità, p. 50.

²⁰ Cf. DeBIAGGI, S. D. e PAIVA, G. J. *op.cit.*, p. 51.

²¹ Cf. GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*, p. 56.

²² Cf. GLEASON, P. *Identifying identity: a semantic history*, p. 913.

pautam suas vidas por valores provenientes de uma compreensão religiosa. Pode oferecer auxílio para algumas dores, em momentos de perdas, (como pode se configurar a experiência de imigrar), pode favorecer estratégias adaptativas que facilitam a inserção no novo ambiente. Evidentemente, a relação religião e integração não é linear, e possui variáveis que podem levar a uma atitude oposta, ou seja, à marginalização como resultante da religião.

Quem sou eu na nova sociedade? O quem é minha religião na nova sociedade? Quem é meu “eu” religioso na nova sociedade? Quem são estas pessoas que não possuem o mesmo *ethos* religioso que eu? O que pauta as suas vidas, e inevitavelmente o que pauta a minha? Podemos imaginar que estas são algumas das perguntas que pessoas com marcada identidade religiosa e que partem para contextos muito diversos dos de sua origem, podem se fazer. A isso, soma-se o fato de o Islã ser uma religião na qual a prática religiosa não é uma questão somente de foro privado, requerendo de seus adeptos uma espécie de declaração pública de sua religiosidade. Um outro aspecto a ser considerado é que, nos últimos anos, esta religião tem sido bastante evidenciada, associada a extremismos e terrorismos além de ser considerada bastante polêmica no que se refere às suas adeptas do sexo feminino.

Uma vez que o Islã é uma religião que tem forte compromisso com a assunção de comportamentos visíveis socialmente, torna-se relevante uma discussão sobre os processos de construção da identidade religiosa (coletiva e individual), analisando a importância da influência grupal e a educação na formação desta.

II.1 A identidade religiosa

Nosso estudo refere-se à identidade de sujeitos religiosos, ou seja, aqueles para os quais a visão religiosa norteia o modo de ver o mundo. A identidade religiosa também pode ser definida como uma dimensão do indivíduo que deriva do universo simbólico do contexto religioso no qual está inserido. Referimos-nos a uma identidade grupal na medida em que o indivíduo refere-se, considera-se, define-se em conjunto com um grupo de pessoas. Ao mesmo tempo, esta realidade define e dimensiona sentimentos e vivências que são particulares ao indivíduo, ou seja, não excluiremos a dimensão idiossincrática da fé.

Segundo Grom, a religiosidade é condicionada pela cultura e pela socialização. É marcada pelas relações nas quais o crente insere-se – indivíduos, grupos e instituições – e pela maneira como interage com

estas instâncias.²³ Isto não exclui que cada um dos indivíduos ou grupos concretos possa percorrer caminhos próprios e viver a fé de sua comunidade de uma maneira pessoal e criativa, “mas em todos os casos, as vivências os pensamentos se desenvolvem sempre sob condições e influências de natureza fundamentalmente psicossocial”.²⁴

Na maioria das vezes a religiosidade, a partir da socialização primária, tem suas raízes na família de origem e se modifica sob a influência da socialização secundária: escola, comunidade, grupos de educação religiosa, idade, amigos, meios de comunicação. A influência dos pais é ainda muito presente durante a socialização secundária, uma vez que a escolha dos locais que a criança frequenta é feita por eles. Podem optar por uma educação religiosa, pela participação em cerimônias características, como por exemplo a importante festa muçulmana que simboliza o fim do mês de jejum – o *Ramadam*. No caso dos muçulmanos no Brasil um dos exemplos é a Escola Islâmica de Vila Carrão, que atende à boa parte da comunidade muçulmana de São Paulo. É uma escola secular, porém com aulas de religião ministradas por um Sheik e aulas de língua árabe, fundamental, entre outras coisas, na leitura do Alcorão. Outro exemplo é a inovadora proposta, no caso brasileiro, da comunidade islâmica de São Bernardo que estruturou um projeto de educação ecumênica (católicos e muçulmanos) em uma escola católica de São Bernardo, situada em frente à mesquita da cidade. Na comunidade do Brás, a educação dos pequenos muçulmanos moradores muitas vezes é feita em uma outra escola católica, sob a responsabilidade de uma professora muçulmana, que lhes ensina a religião e o árabe.

Os ideais da educação visam tornar as crianças membros honrados da sociedade islâmica. Isto significa que elas aprendem, por um lado a levar a sério sua fé e, por outro, a comportar-se de maneira apazível a Deus em todas as situações da vida. Entre as virtudes especialmente admiradas, figuram a obediência, a humildade, a gratidão, a paciência e a perseverança, além da veneração.²⁵

À medida que cresce a distância em relação à família, cresce a influência de outros fatores no grau de intensidade da vida religiosa. Grom afirma que o abandono das práticas e atitudes religiosas da família de origem é mais freqüente nos jovens das sociedades industriais ocidentais, nas quais a religião é um assunto privado. Desta afirmação, pressupõe-se que em muitas repúblicas islâmicas este abandono não é verificado com

²³ GROM, B. *Psicología de la Religion*, p. 23-58.

²⁴ *Ibidem*, p. 21.

²⁵ Cf. ANTES, P. *O Islã e a Política*, p. 106.

tanta frequência, uma vez que a prática religiosa permeia a maioria das esferas da vida, havendo maior expectativa por comportamentos e atitudes vinculados à religião, além de um maior controle social. Na maioria dos casos, um alto grau de religiosidade vem acompanhado, durante o processo de socialização, de um alto grau de participação na vida comunitária da comunidade de fé.

A teoria da atribuição apresenta, a partir de formulações da Psicologia Social Cognitiva, os motivos intrínsecos da religiosidade nos indivíduos. Grom afirma que Spilka e colaboradores tentam explicar a religiosidade a partir da chamada teoria da atribuição ou investigação da atribuição.²⁶ Estabelecem como ponto de partida o seguinte pressuposto: o homem se sente inclinado a explicar os acontecimentos, em especial, os êxitos e os fracassos, mediante a atribuição a causas, intenções e motivos. Coloca-se diante da pergunta: quem ou o que é responsável pelo sucesso ou fracasso dos acontecimentos ordinários ou extraordinários da vida? Busca explicações, seqüências (lógicas ou não), predições que propiciam um entendimento, uma apropriação dos eventos vividos e futuros. Nessa medida, Spilka compreende a religiosidade como a disposição a aceitar atribuições religiosas, no lugar das não-religiosas, na hora de tentar explicar os acontecimentos. Os sistemas de interpretação religiosa podem dar, a partir de sua doutrina interna, respostas satisfatórias a três motivos fundamentais que estão na base das atribuições gerais:

1. satisfazem o desejo de entender o universo como algo dotado de sentido;
2. satisfazem o desejo de predição e controle;
3. satisfazem o desejo de conservar e acrescentar um conceito positivo de si mesmo.

Para que uma pessoa prefira ou aceite explicações religiosas, são necessários alguns pré-requisitos, dentre os quais uma educação religiosa, como vimos acima. Em muitas pessoas a religiosidade está, sem dúvida, fortemente marcada pelas expectativas de que o divino no qual crêem garanta ajuda e proteção, tanto nos assuntos materiais quanto nos sociais. O Islã é um ótimo exemplo uma vez que é uma religião que se propõe a participar ativamente da vida dos indivíduos além da crença de que *Allah* participa e intervém no cotidiano.

Como observamos, a religião está presente nos fatores moderadores anteriores à aculturação. A nosso ver ela está presente durante todo o processo de aculturação, em aspecto mais amplo e institucionalizado (religião) e também na dimensão individual (religiosidade). Veremos nos

²⁶ Cf. GROM, B. *op.cit.*, p. 118.

próximos tópicos como a religião e a religiosidade poderiam participar deste processo.

II.2 A importância da religião/ religiosidade na inserção no novo espaço social

As dimensões da religião: em sua forma institucional ou idiossincrática (religiosidade),²⁷ tornam-se pontos importantes para o entendimento da adaptação/desadaptação/ressocialização no país. Podemos supor, portanto, que a religião em sua dimensão coletiva e individual participa ativamente do processo de aculturação, mediando (favorecendo ou dificultando) estratégias de integração.

A possibilidade do exercício da própria religião no país receptor não é sempre uma garantia. O sujeito pode deparar-se com impossibilidades concretas (ausência de membros, locais de culto etc), impossibilidades explícitas ou veladas, ditadas pelo entorno social, ou seja, quando sua religião não é aceita no novo contexto. Neste caso, pode optar ou não pela manutenção de sua religião, praticando-a secretamente ou realizando uma longa negociação, revisando e transformando suas práticas. Neste sentido, identificamos os aspectos de como a sociedade mais ampla lida com seus imigrantes e seus hábitos e valores como discutidos no item sobre a aculturação. Observamos, portanto, o resultado de políticas sociais que interferem no modo de ser religioso. A reação a estas políticas é bastante diversa, levando por vezes à assimilação até reações de reforço identitário.

O tipo de discurso religioso a que o imigrante está sujeito, também possui um componente que interfere nas relações entre o imigrante e o país receptor, podendo contribuir com estratégias de marginalização ou integração. Muitas vezes neste caso, a religião pode dificultar estratégias integrativas, caso o discurso religioso reforce uma separação em relação ao grupo autóctone e temos a opção *ingroup* pela estratégia de separação. Isto pode ocorrer, seja em função da relação com a sociedade majoritária de inserção, seja em função dos próprios ditames internos ao cânon religioso. No caso do Islã, no caso de imigrantes provenientes de países em que há adesão à não separação entre estado laico e religioso, é previsto um código de conduta para os indivíduos que se encontram fora do território do Islã.

Tubergen, em artigo onde examina as relações entre religião e imigrantes, propõe a formulação de um sistema específico das migrações, no qual a religiosidade do migrante é resultado de características individuais e de propriedades do contexto. Utiliza uma perspectiva comparativa que

²⁷ Aqui compreendida, respectivamente, como nível institucional e nível individual.

envolve imigrantes de várias religiões em diversos países do Ocidente.²⁸

Examina dois aspectos da religião: a afiliação religiosa, isto é, quando as pessoas vêem-se como membros de uma comunidade, denominação ou religião (a identidade religiosa); e a participação religiosa que se refere à frequência com que as pessoas ocupam-se de compromissos/encontros religiosos. Segundo o autor, a religiosidade do imigrante é resultado de quatro tipos de fatores: fatores do contexto, fatores da recepção, *Setting* fatores (fatores do ambiente, do cenário), fatores individuais.²⁹

Para o autor, entre os fatores associados ao país receptor estão o grau de pluralismo religioso e a cobertura religiosa.³⁰ Diante da inegável pluralidade religiosa encontrada no Brasil, podemos imaginar que haja uma reação por parte de imigrantes que possuem uma marcada identidade religiosa, como é o caso de nossas entrevistadas.³¹

Vimos que variáveis que ultrapassam o nível individual influem na maneira de ser religioso no país de inserção. Sabemos que esta negociação é extremamente rica e que acontece durante o processo de aculturação e segue através de muitas gerações de imigrantes. Porém, o interesse do nosso trabalho concentra-se nos indivíduos que vivenciam esta experiência.

Em relação aos fatores individuais, Tubergen aponta itens como idade, *status* marital, situação laborativa, gênero e educação como fatores relevantes no entendimento da religiosidade dos imigrantes. Destacaremos outros dois itens relevantes:

- o grupo étnico-religioso no país de recepção;
- angústia da mudança – importância da religião como espaço potencial.

II.2.1 O grupo étnico e religioso

Tubergen identifica que, entre os fatores que se situam em um interjogo entre origem e destino são o tipo e tamanho da comunidade estabelecida no país receptor. Segundo resultados de sua pesquisa, quanto maior o tamanho relativo da comunidade de imigrantes, mais alto o grau de religiosidade dos membros da comunidade. Portanto, o grupo no país de recepção torna-se fundamental. Grom afirma que não há religião que não exija perseverança. A religiosidade pode recompensar-se por si mesma, pode atuar como “auto-reforçante e pode reverter certa importância e segurança para algumas pessoas dispostas a suportar por sua

²⁸ Cf. TUBERGEN, F. *Religious Affiliation and Attendance Among Immigrants in Eight Western Countries: Individual and Contextual Effects*, p. 1-22.

²⁹ *Ibidem*, p. 3.

³⁰ *Ibidem*, p. 7.

³¹ Cf. BRITO, Enio. *Anima Brasilis: identidade cultural e experiência religiosa*, p. 7.

causa prejuízos sociais e perseguições".³² Mas não é uma necessidade tão imperiosa como fome, sede, segurança física ou reconhecimento social. Para poder desenvolver-se, precisa – tanto no caso de crianças como de adultos – de controle social, de reforço e confirmação através de pessoas ou de grupos de referência (outros significativos). É de se esperar que, ao defrontar-se com uma sociedade não baseada na regulamentação religiosa, modificações sejam realizadas no dia a dia dos adeptos, sobretudo no caso de religiões baseadas em um forte controle social.

Uma dimensão fundamental na vinculação com o grupo é a da satisfação de necessidades emocionais e cognitivas através da confirmação social. Esta pode oferecer plausibilidade³³ para as próprias crenças, uma vez que são compartilhadas por pessoas a quem se estima e respeita. Uma convicção ou uma prática compartilhada por muitas pessoas não pode ser falsa. Esta sensação de compartilhar permite ao ser humano sentir-se parte de um todo, coerente e com sentido.

Durante a imigração, tem-se uma maior necessidade de participação em grupos que compartilhem a mesma identidade para a manutenção da própria crença. Em um novo país, se não há um grupo que ofereça continuidade e reforço à religiosidade vivida no país de origem, pode haver um esvaziamento nos comportamentos religiosos.

Outro aspecto da participação no grupo é a possibilidade de vivenciar experiências comunitárias livres de pressões de rendimento e competitividade, compartilhando valores que no dia a dia não são vividos constantemente. No caso de imigrantes que nem sempre conseguem atingir imediatamente o *status* social que tinham no país de origem é bastante reconfortante sentir-se acolhido e liberto da necessidade de superar-se constantemente.

Atividades festivas e celebrações também realizam um importante papel, por dois motivos. O primeiro diz respeito ao aspecto simbólico-ritualístico, que traz vivências emocionais muito peculiares, que reforçam o comportamento religioso, trazem memórias e uma sensação de vínculo com o país de origem. Por vezes, escutar a oração na língua, como é o caso dos muçulmanos, que recitam as orações em árabe, pode ser consolador e reconfortante. O segundo aspecto é a possibilidade de manutenção de rede: nas festas encontram-se pessoas da comunidade ou pessoas novas, criando oportunidades para o estabelecimento de novos laços afetivos. Além disso, é muitas vezes uma oportunidade de troca de informações

³² Cf. GROM, B. *op. cit.*, p. 43.

³³ Cf. BERGER e LUCKMANN, *A Construção Social da Realidade*, *passim*.

sobre empregos, estudos e eventos da vida cotidiana.

Além do grupo social e da dimensão mais individualizada da fé, temos na vivência do imigrante, a imperiosa necessidade da criação de um espaço entre dois mundos. No próximo item, apresentaremos a importância da religião como espaço potencial.

II.2.2 Angústia da mudança - Importância da religião como espaço potencial

Algumas teorias que se propõem a estudar os motivos que levam o indivíduo a aderir a um comportamento religioso derivam da compreensão psicanalítica do sujeito. Adotam um modelo psicodinâmico que se utiliza de alguns pressupostos (noção de inconsciente, instâncias psíquicas, relações objetais) de Freud, mas discordando da sua hipótese fundamental de religião como ilusão. Erikson e Winnicott são autores que contribuíram na compreensão da gênese da religiosidade dos indivíduos, afirmando a precoce relação mãe-bebê como fundamental na formação e na transmissão de bem estar, segurança e auto-estima que será fundamental no posterior desenvolvimento religioso.³⁴

Erikson, através do seu conceito de binômio desconfiança-confiança, afirma que a confiança básica, obtida através de uma experiência inicialmente amistosa com a figura materna e posteriormente com os outros significativos seria um pressuposto da fé religiosa. Assim como outras instituições protetoras, como a tradição e a coletividade, a religião pode corroborar a confiança fundamental e converter-se em expressão desta, como “Erikson insinua que a religiosidade não tem porque ser forçosamente regressiva, pois pode converter-se em uma fonte da confiança básica própria da idade adulta”.³⁵

Winnicott caminha na mesma direção de Erikson, afirmando que o “acontecer humano se dá na presença do outro”.³⁶ As organizações psíquicas do bebê, a entrada na temporalidade, a abertura da dimensão espacial, só se constituem e ganham realização, pela presença de alguém significativo. E para esta formação é fundamental a formação de uma zona intermediária, entre sua fantasia e a realidade objetiva, vivida pela criança que cria “fenômenos e objetos transicionais”.³⁷ Segundo Winnicott, estes objetos são as raízes da formação simbólica e conseqüentemente da fantasia e do pensamento.

³⁴ Apud. GROM, B. *op. cit.*, p. 109.

³⁵ Cf. GROM, B. *op. cit.*, p. 110.

³⁶ Cf. SAFRA, G. Memória e Subjetivação. *Memorandum*, p. 21-30.

³⁷ *Ibidem*, p. 21-30.

À medida que cresce a inclinação à realidade, aquele objeto se vê substituído por melodia, palavra e representações que assumem sua função protetora e criadora e se difunde pouco a pouco na cultura circundante. A zona experimental intermediária fundamenta a maior parte das vivências infantis e se mantém durante toda a vida nas experiências extraordinárias do campo da arte, da religião, da imaginação e do trabalho científico criativo.³⁸

Vimos que, durante a imigração, o indivíduo passa por uma experiência de ruptura pela perda dos laços afetivos. Na maioria das vezes, a mudança gera certa dose de angústia no ser humano. Quando predomina a angústia frente à mudança, esta pode não somente surgir como consequência dos conflitos internos do indivíduo, mas também, a partir de eventos externos. A mudança de país é um exemplo disto: há um sentimento de infantilização quando se muda, devem-se reaprender coisas cotidianas, sente-se incapaz de realizar algumas tarefas corriqueiras como ir às compras, responder ao telefone, encontrar os alimentos costumeiros para cozinhar.

Para que seja possível ao indivíduo enfrentar o sentimento de angústia, é necessário que sinta que algo permanece constante em si, independente das mudanças que ocorram ao seu redor. Geralmente sente a necessidade de assegurar-se de que tudo permanece na mesma ordem.

A partir de uma perspectiva psicanalítica, Grinberg afirma que o imigrante necessita de um “espaço potencial que lhe sirva de lugar de transição e tempo de transição, entre o país (objeto materno) e o novo mundo externo: o espaço potencial”.³⁹ Este espaço irá dar a possibilidade de viver a migração como jogo, com toda a seriedade e implicações que isto tem para as crianças.

Winnicott sustenta que a continuidade da existência está assegurada pela herança cultural. Considera a vivência cultural como uma extensão do espaço potencial entre o indivíduo e seu ambiente.⁴⁰ Ao entendermos a religião como uma experiência cultural, ou como sistema cultural, deriva-se que ela poderá funcionar como o espaço intermediário entre os dois mundos. O espaço potencial é sempre um “espaço entre dois: dois mundos, dentro e fora, grupo de pertencimento e outros, passado e futuro”.⁴¹

III. As mulheres muçulmanas em São Paulo

A visão de um mar de telhados vermelhos e fechados, quando se chega sobrevoando a cidade de São Paulo pode não ser nada agradável

³⁸ *Apud* GROM, B. *op. cit.*, p. 111.

³⁹ Cf. GRINBERG, L. e GRINBERG, R. *op. cit.*, p. 72.

⁴⁰ *Ibidem.*, p. 25.

⁴¹ *Ibidem.*, p. 34.

e acolhedora. Ainda mais para quem tem gravado na retina uma imagem multicolor, como a visão aérea da cidade de Marrocos. Ao mesmo tempo, a visão da cidade pode ser colorida e verde, pode ser carregada de excitante expectativa e de uma certeza de que tudo será muito mais bonito e colorido, cheio de árvores e praias belíssimas, se quem espera é um parente próximo que não se vê há muito tempo. Estes dois pontos de vistas aparentemente opostos foram relatados por mulheres imigrantes que chegavam ao Brasil⁴² para juntarem-se às suas famílias ou maridos e aqui estabelecerem-se. A primeira chegava do Marrocos, e sua lembrança eram os terraços coloridos e a bela visão aérea que provocam. Vinha um pouco contra a vontade acompanhar o marido que estava trabalhando aqui. A segunda tinha apenas doze anos e vinha reunir-se à mãe, que havia imigrado para o Brasil há mais de dois anos.

Apesar das evidentes diferenças de idade e propósitos, de país de origem e de objetivos, o que sem dúvida influencia nos olhares muito diversos diante de fatos semelhantes, estas pessoas tinham algo em comum. Eram do sexo feminino, professavam a mesma fé muçulmana e tinha diante de si o desafio de inserir-se em um país dramaticamente diverso em muitos sentidos. Em comum também, tinham o fato de serem humanos dotados de vínculos afetivos, valores, curiosidades, interesses e desejos, medos e inseguranças, propósitos e esperanças.

Assustar-se diante de uma grávida expondo orgulhosamente sua barriga ou espantar-se perante uma mulher usando uma mini-saia sem envergonhar-se (fatos absolutamente corriqueiros na vida de um brasileiro), é algo perfeitamente possível de se ocorrer com algumas mulheres provenientes de países muçulmanos. Até mesmo um casal de namorados de mãos dadas que passeia pelas ruas alheio ao mundo que o rodeia, pode despertar sentimentos de admiração, incômodo, reprovação e curiosidade para quem nunca havia se deparado com esta cena na vida. Em seus relatos, mesmo as que não provinham de países sob regimes islâmicos, como o Líbano, ficava evidente a enorme diferença entre a sociedade de origem e o Brasil.

Algumas prescrições na rotina diária podem entrar em choque com a sociedade secular, causando discriminação. Restrições alimentares, proibição do uso de álcool, restrições nas relações entre homens e mulheres,

⁴² Atualmente, encontram-se no Brasil, os dois grupos de muçulmanos: xiitas e sunitas. Em termos proporcionais, são equiparados à sua presença no mundo, ou seja, 90% de sunitas e 10 % xiitas. De acordo com Waniez e Brustlein, as características gerais da população muçulmana residente no Brasil são: predominantemente urbana, masculina, de cor branca. Cf. WANIEZ, P.& BRUSTLEIN, V. *Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social*, p. 159 a 161 (dados referentes ao ano de 1991).

vestimenta, podem trazer constrangimentos e dissabores aos seus fiéis. Às dificuldades inerentes ao processo migratório somam-se aspectos da religião, que pregam uma separação dos hábitos seculares. As mulheres estão particularmente sujeitas a uma maior pressão, sobretudo no que diz respeito à vestimenta, causando inclusive maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho.⁴³

No caso das mulheres muçulmanas que afirmam sua religião em todos os espaços sociais, uma vez que endossam as vestimentas prescritas em um país como o Brasil, este uso deveria ser um aspecto a ser considerado como um ponto importante no processo de aculturação. O Islã é uma religião que tem forte influência no cotidiano, que se propõe a uma participação e regulamentação ativa da vida diária de seus adeptos.⁴⁴ Vestir-se, realizar as orações em público e outros comportamentos que marcam a fé islâmica, são atitudes que aparecem de forma bastante destacada em um país onde a religião tem um local delimitado para manifestar-se.

No próximo tópico apresentaremos alguns elementos do complexo processo de aculturação vivido por algumas imigrantes na cidade de São Paulo. A análise qualitativa dos dados foi feita a partir e concomitantemente às próprias entrevistas, através da elaboração de uma categorização teórica com base no material coletado, em parte, inspirada na teoria baseada nos dados ou *grounded theory*.⁴⁵ A teoria baseada nos dados é um método analítico de pesquisa qualitativa, indutivamente derivada do fenômeno que representa.

Os dados são organizados por temas. A seqüência das categorias segue a seguinte ordem:

- Circunstâncias: contexto religioso antes da imigração. Imigração para o Brasil.
- Fenômeno: aculturação.
- Contexto: metrópole multicultural, que permite manifestações étnico-religiosas.
- Estratégias de interação: relação com brasileiros, com a comunidade, estratégias de aculturação.
- Conseqüências: mudanças no cotidiano e na religiosidade.

⁴³ Cf. ANSARI, H. *Muslims in Britain*, p. 16.

⁴⁴ Esses comportamentos são *imediatamente visíveis no plano social* e embora não sejam sentidos pelo muçulmano como coerção, reforçam um controle recíproco que é permanente. As práticas são compreendidas pelos muçulmanos como revelações feitas por Deus no Alcorão, portanto, consideradas leis divinas. Através da *sunna* (prática do profeta) e dos *hadiths* (seus ditos) foram acrescentadas práticas que estavam apenas sugeridas no Alcorão.

⁴⁵ Cf. STRAUSS, A. L. & CORBIN, J. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*, p. 24.

III.1 Aspectos gerais da imigração

A partir do relato das entrevistadas, observou-se importância da religião na formação identitária das mesmas. Essa formação se deu no interior da família continuando durante a posterior socialização secundária, onde a escola e as outras instituições favorecem a permanência dentro dos valores religiosos. Pudemos observar, nos relatos, que nossas entrevistadas são provenientes dos dois lugares privilegiados de atuação feminina, de acordo com a divisão clássica dos papéis na religião muçulmana: a escola e o lar. Com exceção de duas entrevistadas que chegaram a cursar a universidade, as imigrantes mantinham uma rotina dividida entre a escola e o trabalho doméstico.

O conceito de redes sociais torna-se fundamental na compreensão da imigração: as pessoas vão para lugares onde possuem um referencial. No caso de muçulmanos que tem como um grande valor à comunidade ou *ummah*, as redes sociais desempenham um papel fundamental. Neste caso, “redes pessoais”, ou seja, redes de parentesco ou familiaridade exercem importante influência. Uma prática comum entre os imigrantes muçulmanos em geral – e o Brasil mantém esta tradição – é a ida dos homens à terra de origem para procurarem uma mulher para se casar. A maioria das entrevistadas conheceu o marido e decidiu imigrar nestas circunstâncias. A mulher imigrante que vem para casar-se é recebida pelas mulheres da família do marido que tomam para si a incumbência de inseri-la na nova comunidade. O vínculo familiar é preponderante e a mulher é a responsável pela sua manutenção e pela passagem da tradição na educação dos filhos.

A teoria nos mostra que em relação à imigração de mulheres muçulmanas é pouco provável que estas mulheres partam sozinhas. Espínola afirma que dificilmente imigrem sozinhas, apenas quando vêm para casar-se.⁴⁶ São sempre acompanhadas por maridos ou pais. Apesar de observar-se, no caso europeu, um maior deslocamento de mulheres sozinhas nas últimas levas migratórias, no Brasil estas mulheres ainda estão bastante vinculadas à família e à necessidade de acompanhá-la. Esta percepção foi corroborada uma vez que todas as nossas entrevistadas não iniciaram o processo migratório por uma escolha que não estivesse ligada ao casamento ou para acompanhar a família.

Um aspecto fundamental para o entendimento da imigração entre as muçulmanas passa pela questão do pertencimento. No contexto cultural e religioso muçulmano, do qual são provenientes nossas entrevistadas, mulheres não devem permanecer sozinhas. Em geral, mulheres sozinhas

⁴⁶ Cf. ESPINOLA, C. V. *O Véu Que (Des)Cobre: Etnografia Da Comunidade Árabe Muçulmana Em Florianópolis*, p. 96.

são vistas com preconceito e cuidado pela própria comunidade. Depois do divórcio, uma das entrevistadas foi obrigada a juntar-se à família de origem que havia imigrado para o Brasil, deixando os filhos sob a tutela do pai, de acordo com a tradição islâmica. Vemos, neste sentido, que o pertencer a algo, ou a alguém é muito importante para estas mulheres. É necessário pertencer a alguém. Razões econômicas e culturais, que se referem à clássica divisão de papéis fazem com que as mulheres necessitem estar ligadas ao marido ou à própria família.

A partir desta compreensão breve e geral de “quem eram” antes da imigração, iremos apresentar a seguir os aspectos ligados à aculturação que se segue após a imigração para o Brasil.

III.2 O processo de aculturação: aspectos gerais

No Brasil, estas mulheres encontram-se diante do desafio de dialogar com a nova cultura. Passam, portanto pelo processo de aculturação. Definimos anteriormente que ao entrar em contato com outras culturas, por um período contínuo e suficientemente longo, o sujeito passa por mudanças culturais e psicológicas que resultam deste contato.⁴⁷ Vimos que em geral a maioria delas refere dificuldades e vivências que são comuns à maioria dos imigrantes. Lembrando dos aspectos teóricos apresentados, o imigrante passa por uma desorientação cultural. Alguns hábitos podem ser adotados facilmente. Algumas mudanças parecem ter ocorrido facilmente. A maioria relatou dificuldades em relação à comida e principalmente à língua. Porém, certos comportamentos e valores da nova sociedade podem causar conflito, sobretudo se os valores da sociedade receptora são de alguma maneira, incompatíveis com os do sujeito.

É de se esperar que as condutas adotadas por mulheres brasileiras chamem a atenção destas imigrantes. O confronto com o *ethos* feminino brasileiro aparece nos próximos relatos. A maioria das mulheres, ao relatar as primeiras impressões impactantes na chegada ao Brasil, menciona as vestimentas das mulheres brasileiras. Existe uma reação por parte das entrevistadas diante do feminino brasileiro. Sob a perspectiva muçulmana, devemos lembrar que o feminino é algo a ser visto somente no âmbito privado. A visão de um feminino que se expõe é um choque para estas mulheres, que parece ser incompatível com seus hábitos e valores religiosos. Nota-se visível oposição que separa a atitude destas mulheres das brasileiras,

⁴⁷ Berry propõe que estas mudanças são de várias naturezas: físicas, por exemplo, adaptação ao clima; biológicas, biorritmo, sono, hábitos alimentares; políticas, como mudanças nas concepções partidárias; econômicas e sociais, como uma mudança de status social, inserção econômica; culturais e psicológicas como exemplo valores, comportamentos, atitudes, posturas. Cf. SAM, D. & BERRY, J. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*, p. 28-29.

pelo menos no que se refere ao vestuário e, por conseqüência, os valores que estão por trás de tal escolha. Diante da oposição de atitudes entre muçulmanas imigrantes e brasileiras não-muçulmanas, a recorrência ao grupo de origem adquire uma importância fundamental, pois lhes dá a sensação de coerência necessária para se afirmarem em suas crenças e valores. Embora haja uma relativa dificuldade no uso da vestimenta, visto que, em geral, são alvos de olhares curiosos, uma reação de rejeição ou preconceito explícito não é relatada.

III.3 Religião e religiosidade no novo espaço social: o véu em São Paulo

É sempre importante lembrar que qualquer análise deve considerar sempre o contexto, evitando generalizações que nos distanciem da realidade peculiar a cada fenômeno.

Em um contexto migratório, o véu torna-se símbolo das relações que marcam o envolvimento com a nova sociedade e é nesta medida que a compreensão de seu uso torna-se primordial para a abordagem do nosso sujeito. Em sociedades multiculturais, o véu serve diariamente como afirmação religiosa, no contato com os outros. Uma das conseqüências da globalização é o reforço das identidades regionais, tribais e religiosas. Alguns grupos de muçulmanos aceitam aspectos da modernidade, nomeadamente a tecnologia, mas rejeitam outros aspectos da cultura ocidental. Contra uma possível ocidentalização, vivida sobretudo em contextos imigratórios onde as influências são mútuas, recorrem às práticas de um Islã mais tradicional, manifestadas no véu. Em países europeus, essa marca da identidade religiosa vem causando muita polêmica, enquanto que no Brasil, não tem havido muita discussão. Um exemplo disto é que no Brasil existe a permissão de tirar a foto do documento de identidade usando o véu. Apesar de ser um elemento diferenciador e que causa impacto no confronto intercultural, o uso do véu no contexto brasileiro, diferentemente da Europa, não é vivido pelas mulheres como um elemento de tensão. De acordo com seus relatos, sentem liberdade para adotá-lo de acordo com sua vontade ou necessidade, o que é corroborado ao observarmos a trajetória de duas entrevistadas que não usavam o véu em seus países de origem e que decidiram adotá-lo somente aqui no Brasil.

Embora haja reações de estranhamento frente ao véu e às vestimentas, como notamos em alguns relatos, o ambiente cultural em São Paulo lhes permite a livre escolha a respeito da adoção ou não do véu. O ambiente é sentido como permissivo, oferecendo-lhes possibilidade de escolha. Mesmo que sejam sentidas reações contrárias, a aproximação é possível, permitindo o diálogo.

III.4. Mudanças nos hábitos religiosos e as estratégias de aculturação

Diante da inegável pluralidade religiosa encontrada no Brasil, algumas reações são relatadas por nossas entrevistadas. Mudanças no sentido de reafirmar a própria religiosidade são notadas. Em vários relatos vemos que alguns comportamentos que não se verificavam no país de origem, com frequência tornaram-se fundamentais, como, por exemplo, a visita semanal às mesquitas. A oração obrigatória das sextas-feiras, realizada nas mesquitas, não é um dever para as mulheres. Segundo a doutrina do Islã, a mulher pode fazer suas orações diárias em casa. A maioria, portanto, não freqüentava mesquitas na terra natal. Porém, grande parte das entrevistadas afirmou a necessidade desta frequência maior ao chegar ao Brasil, participando do grupo das quintas-feiras na mesquita do Pari, ou freqüentando as orações e atividades da comunidade, na mesquita de São Bernardo.

O aumento da frequência à mesquita tem dois aspectos: manter a identidade étnica e religiosa e compartilhar experiências comunitárias. O grupo religioso e a comunidade tornam-se fundamentais pontos de apoio. Esta sensação de compartilhar, responde a uma necessidade muito profunda do ser humano, que é a necessidade de sentir-se parte de um todo coerente e dotado de sentido. Durante a imigração, esta crença pode ficar comprometida, uma vez que o novo espaço oferece padrões de conduta muito diversos. Tem-se então uma maior necessidade de participação em grupos que compartilhem a mesma identidade. Em religiões onde ocorre a separação dos sexos durante a realização de atividades religiosas, como é o caso do Islã, observa-se que a reunião com a comunidade religiosa, pode também, representar um espaço onde questões de gênero são vividas e discutidas. Ao reunirem-se as mulheres da comunidade islâmica do Brás, discutem as questões estritamente religiosas – leitura e interpretação do Alcorão, posição da mulher no Islã, uso do véu – além de suas vivências cotidianas: maridos, filhos, família, suas dores e alegrias. Ao se proporem a entender melhor as tradições (*hadith*), ou as próprias revelações corânicas, nota-se uma preocupação em refletir sobre as questões religiosas e suas implicações na vida cotidiana.

A aproximação com a comunidade, muitas vezes, é necessária uma vez que o distanciamento da terra e dos hábitos pode ser uma ameaça. Em uma situação de imigração, se não há um grupo que ofereça continuidade e reforço à religiosidade vivida no país de origem, pode haver um esvaziamento nos comportamentos religiosos. É sempre importante lembrar que as estratégias de aculturação não são estanques, e a fotografia registrada

neste momento pode sempre mudar significativamente. Também não é total e completo; pode-se estar separado em alguns aspectos e integrado em outros. De modo geral, ao analisarmos a vinculação ao grupo religioso ou étnico, nos remetemos, em certo sentido, às estratégias de separação. Ao deparar-se com uma realidade muito diversa da sua, a tendência destas mulheres é apegar-se à família e às outras mulheres da própria comunidade, prática incentivada pelos membros da comunidade.

Ao mesmo tempo em que o véu separa, delimitando uma fronteira simbólica em relação aos brasileiros (as), pode verificar que o fato de sentirem-se em acordo com o cânon religioso no qual acreditam faz com que mantenham uma auto-estima positiva. Mantêm e valorizam aspectos da própria cultura, ao mesmo tempo em que reconhecem valores na nova sociedade. Isto possibilita o desenvolvimento de estratégias de integração, uma vez que não se sentem ameaçadas. Nota-se disposição a uma sensibilidade e um comportamento pró-sociais e um envolvimento com a sociedade que as rodeia, por exemplo, a participação no entorno do bairro, o auxílio às pessoas mais necessitadas. A integração, como discutimos acima, é um fenômeno complexo e podemos imaginar que o processo de aculturação é muito longo, o que torna difícil afirmar que alguém esteja plenamente integrado a uma sociedade. Porém, é pertinente afirmar que ao manter uma auto-estima positiva, auxilia no processo de vir a pertencer à sociedade brasileira envolvendo com os aspectos da vida cotidiana, hábitos da cultura brasileira, comunidade do bairro. Embora, de modo geral, a estratégia de separação fique bastante evidente, no caso do apego à própria comunidade ela não é total e nem exclusiva. Demonstram uma atitude bastante refletida, que não parece estar ligada apenas a uma pressão do grupo social, uma vez que no Brasil, a pressão social no uso do véu é menor. Este aspecto é corroborado inclusive quando uma delas relata que adotou o véu mesmo contra a vontade de seu marido, aqui no Brasil.

Vimos que o imigrante tem necessidade de reconstruir seus códigos que ficam abalados no momento da imigração. Ao afirmar a vontade de *Allah* como soberano e que é de sua vontade que eles estejam aqui, pode se tornar mais fácil superar sentimentos de descontinuidade cultural, de ruptura, de perdas, satisfazendo o desejo de entender o universo como algo dotado de sentido. Uma das entrevistadas encontra um conforto ao explicar para si mesma o sentido de algumas dores inerentes ao processo migratório, que entende como Vontade de Deus, ou o plano divino para elas. No novo espaço, a religião pode se configurar como um espaço oferecido para inserção, mesmo que no interior da própria comunidade, lhes é dado um lugar no espaço público. Vimos que o sujeito religioso

tende a explicar os acontecimentos, em especial os êxitos e os fracassos, mediante a atribuição a causas, intenções e motivos. Esta explicação fez com que a entrevistada decidisse por uma maior integração no novo país, um sentimento de utilidade, e uma revitalização da auto-estima.

Para o enfrentamento dos sentimentos de angústia que muitas vezes a mudança traz é necessário que o indivíduo sinta que algo permanece constante em si. Afirmamos que o imigrante precisa de um espaço potencial que lhe permita e facilite a transição. Toda a herança cultural trazida e mantida pela religião, pode funcionar neste sentido. Vimos, portanto, que entre nossas entrevistadas, uma das principais mudanças no aspecto religioso, se refere a um aumento na frequência da participação religiosa e comunitária. A religião assume, inicialmente, uma dimensão diversa daquela vivida no país de origem. Significa um conforto, uma possibilidade de criar e refazer vínculos.

No que se refere à utilização de estratégias de aculturação, observa-se que, em certo sentido, há uma opção pela estratégia de separação, favorecendo a manutenção de um sentimento de comunidade, e também a permanência dos próprios valores que podem conflitar com alguns hábitos encontrados no Brasil. Por outro lado, o reassegurar-se na própria identidade e valores nem sempre faz com que haja uma separação. Percebemos que o vínculo com a religião pode fortalecer o sentimento de identidade e facilitar a integração na sociedade receptora, e a religião oferecendo um espaço potencial. O espaço potencial é sempre um espaço entre dois: dois mundos, dentro e fora, grupo de pertencimento e outros, passado e futuro. A vivência religiosa, seja a partir de uma maior frequência nas atividades religiosas *in loco*, ou a da intensificação de atividades, pode representar, além de um elo com a terra de origem, com a própria cultura, também um momento onde não se é, nem se está, tudo se torna possibilidade. Desta maneira, as passagens e as rupturas podem ser elaboradas, sem que haja uma vivência intensa de quebra ou rompimento.

É interessante notar que, entre nossas entrevistadas, não foram observadas as estratégias de marginalização e assimilação. Isto provavelmente se dá por alguns fatores:

- Geralmente estão inseridas em família de imigrantes, mas que já estavam no Brasil há bastante tempo, o que permite certa garantia de inserção, sobretudo familiar.
- O papel da mulher de educadora e mantenedora dos laços familiares é muito ativo.
- Existe a manutenção da identidade étnica através do vínculo com a comunidade.

- Diferentemente do caso europeu, aqui as imigrantes ocupam uma posição econômica e social mais privilegiada.
- Participam de comunidades religiosas, que lhes permitem manter sua identidade cultural e religiosa e, conseqüentemente, uma manutenção de auto-estima positiva.
- Encontram apoio necessário nas outras mulheres da comunidade.
- Em geral, o ambiente cultural de São Paulo é vivido enquanto espaço da diversidade. As coisas são possíveis e permitidas. A atmosfera que as cerca, comporta o estrangeiro e favorece manifestações étnico-religiosas.

IV. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo apresentar aspectos da relação imigração e religião, através do processo de aculturação de imigrantes muçulmanas no estado de São Paulo. Os conceitos derivados da Psicologia Intercultural nos ajudaram a compreender as variáveis que atuam no indivíduo quando empreende uma mudança de país. Itens que provavelmente não figurariam no dia a dia do sujeito, se ele permanecesse no próprio país, tais como identidade étnica e cultural, podem tornar-se pontos relevantes no confronto intercultural.

A dimensão religiosa, para indivíduos provenientes de culturas onde a religião desempenha um importante papel, é um fator que participa de várias maneiras do processo de aculturação. Tanto no âmbito coletivo e individual, antes e depois da imigração. Adquire vários significados, podendo facilitar ou dificultar processos integrativos. Não são apenas cultos e doutrinas ou “espiritualidade” que entrecruzam-se, mas antropologias, escatologias, psicologias, historicidade e política. Buscamos entender a formação e a identidade religiosa de nossas entrevistadas, a partir da compreensão dos itens que compõem o Islã. Procuramos elucidar como estes aspectos influenciam, na imensa leva de imigrantes muçulmanos que deixam sua cultura, devendo inserir-se nos quatro cantos do mundo. Neste processo, compreendemos a imensa variedade cultural e religiosa desenvolvida sob a égide do Islã. Embora, com esta vasta gama de condutas e repertórios, sua definição como uma religião que participa ativamente do cotidiano, e que oferece um forte sentimento de comunidade, é bastante válida no contexto brasileiro. Este sentimento de comunidade permite às mulheres imigrantes a manutenção da identidade étnica, um lugar seguro de inserção dentro da família e comunidade. Pode favorecer estratégias de integração, mantendo correlação positiva com auto-estima. Ao mesmo

tempo, comporta estratégias de separação, ao pregar certa distância dos valores e hábitos brasileiros.

Procuramos entender o uso do véu em um contexto intercultural, entendendo sua importância como símbolo religioso e cultural que percorre esferas de afirmação identitária. Ao mesmo tempo, nos preocupamos com o significado assumido individualmente pelas imigrantes em São Paulo, revelando um sentido profundo de opção religiosa madura, refletida, que reforça a opção pessoal, livre de pressões. Sem dúvida, o contexto facilita esta escolha, uma vez que São Paulo, na visão destas imigrantes é visto e vivido como o lugar da diversidade, que comporta estrangeiros de vários credos, sem fomentar preconceitos e discriminação.

No que se refere ao aspecto subjetivo e individual na vida do imigrante, a religião frequentemente oferece refúgio, conforto, experiência comunitária. Pode tornar-se uma ponte simbólica para as “quebras” inerentes ao processo migratório. Observamos inicialmente, um fortalecimento da religião, uma participação maior nos processos da vida diária do imigrante, uma “explicação” para experiências dolorosas, uma reafirmação da identidade perdida, abalada, questionada. Devido à distância, com o tempo, pode haver um afastamento, principalmente em uma religião como o Islã, que exige rotinas cotidianas bastante diversas para o contexto brasileiro.

A mídia tem nos mostrado um lado problemático da dimensão religiosa no contexto migratório, apontando terrorismos, fundamentalismos, reações xenofóbicas e violentas. O Islã tem sido um dos alvos. Ao tornar mais visível, através de seus próprios relatos, o cotidiano destas mulheres que, se não fosse pelo véu, passariam despercebidas no cenário paulista, pretendeu-se clarear e compreender este universo por vezes tão estranho e desconhecido ao olhar ocidental.

Bibliografia

- ANSARI, H. Muslims in Britain. *Minority Rights Group International*. s/l, p.1-45, Aug., 2003.
- ANTES, P. *O Islã e a Política*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BERRY, J. *et al. Cross-Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1992.
- BRITO, E. *Anima Brasilis: identidade cultural e experiência religiosa*. São Paulo:

Olho D'Água, 2000.

DEBIAGGI, S. *Changing Gender Roles: Brazilian immigrant families in the US*. New York: LFB Scholarly Publishing LLC, 2002.

DEBIAGGI, S. D. & PAIVA, G. J. (orgs.) *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ESPINOLA, C. V. *O Véu Que (Des)Cobre: Etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis*, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLEASON, P. "Identifying identity: A semantic history", in SOLLARS, W. *Theories of ethnicity: A classical reader*. New York: New York University Press, 1996.

GRINBERG, L. e GRINBERG, R. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

GROM, B. *Psicologia de la Religión*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

HUSSAIN, M. "Islam, Media and Minorities in Denmark." *Current Sociology*, v. 48, n. 4, p. 95–116, October 2000.

MANDAVILLE, P. "Reimagining Islam in diaspora: the politics of mediated community". *Gazette* v. 63, n. 2–3, p. 169–186, 2001.

MONTENEGRO, S. M. *Dilemas Identitários do Islam no Brasil*, 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) UFRJ. Rio de Janeiro.

_____. "Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e islamização", *Lusotopie*, n. 2, p. 59-79, 2002. Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/montenegro.rtf>> Acesso em: 18/12/2005.

MONTERO, P. "O problema da cultura na Igreja Católica contemporânea". *Estudos Avançados*, v. 9, n. 25, p. 229-248, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 19/08/2005.

NANNI, A ABBRUCIATI, S. "Per capire l'interculturalità Parole-chiave". *Quaderni dell'interculturalità*, n. 12. Editrice Missionaria Italiana: Bologna, 1999.

PACE, E. *Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PAIVA, G. J. "Identidade e pluralismo: identidade religiosa em adeptos brasileiros de novas religiões japonesas." *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 20, n. 1, s/p., Jan./Abr. 2004.

_____. "Perder e Recuperar a Alma: Tendências Recentes na Psicologia Social da Religião Norte-Americana e Européia." *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 2, p. 173-178, Ago. 2002.

- _____. "Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea." 2005. (no prelo)
- PORTES, R. & RUMBAUT, R. *Immigrant América: a portrait*. Berkeley: Univ. Ca Press, 1990.
- POUTIGNAT, P. & STEIFF-FENART. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- ROHNER, R. "Toward a conception of culture for cross-cultural psychology." *Journal of cross-cultural psycholog.*, v. 15, n. 2, p. 111-138, June 1984.
- SAFRA, G. "Memória e Subjetivação." *Memorandum*, n. 2, p. 21-30, 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos02/safra02.htm>>. Acesso em: 18/12/2005.
- SAM, David. & BERRY, John. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- SAYAD, A. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- SIQUEIRA, M. J. T. "A Constituição da Identidade Masculina: alguns pontos para discussão." *Psicologia USP*, v. 8, n. 1, p. 113-130, 1997.
- STRAUSS, A. L. & CORBIN, J. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*, California: Sage Publications, 1998.
- TUBERGEN, F. "Religious Affiliation and Attendance Among Immigrants in Eight Western Countries: Individual and Contextual Effects." *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 45, n. 1, p. 1-22, Ago. 2006.
- WANIEZ, P. & BRUSTLEIN, V. "Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social." *Alceu*, v. 1, n. 2, p. 155 – 180, Jan./Jul. 2001.